

Sarney: "Vamos nos manter mobilizados"

Thais de Mendonça

São Luís — O presidente José Sarney deixou o Maranhão falando em união e persistência em torno das medidas econômicas decretadas pelo Governo. Em entrevista à TV Difusora, na sua residência da praia do Calhau, Sarney alertou para a vigilância dos preços:

— Hoje, todos nós estamos unidos e não devemos nos perder só na emoção dos primeiros momentos. Esta é uma batalha que não vai terminar, exige constância, permanência. Vamos nos manter mobilizados.

O deputado federal Epitácio Cafeteira (PDT-MA) era o mais feliz dos candidatos ao governo do estado, que embarcaram de volta a Brasília, na comitiva do presidente. Quando chegou à casa de Sarney, na noite de segunda-feira, como convidado de uma caldeirada (a moqueca maranhense) oferecida a 300 políticos locais, foi recebido pelo presidente:

— Cafeteira, aproveite e faça seu comício. Comece sua campanha aqui em casa.

O deputado tomou a frase como indício de que é o candidato do presidente da República, mas as especulações sobre o nome da preferência de Sarney continuaram, após sua visita de 27 horas à terra natal. Alguns dos nove pretendentes à sucessão do governador Luiz Rocha já colocaram a campanha nas ruas, colorindo com panfletos e letreiros os muros de São Luís.

Fábrica

O presidente Sarney desembarcou anteontem à noite na capital maranhense, depois de fazer uma viagem de sete horas de trem, vindo de Imperatriz, o que inaugurou o transporte de passageiros pela ferrovia construída pela Companhia Vale do Rio Doce. De manhã, Sarney foi visitar o terminal de Ponta da Madeira, ponto de embarque do minério, que vem de Carajás (Pará) e se destina ao mercado externo.

As 10h, ele inaugurou a segunda fase da Alumar (Alumínio do Maranhão), no quilômetro 18 da BR-135. Construído pela associação de capitais estrangeiros e nacionais, o consórcio Alumar é apontado como o maior investimento privado já realizado no Brasil.

Desde julho de 1980, quando se iniciou a construção da primeira fase da fábrica, até hoje, já absorveu 1,4 bilhão de dólares. Fazem parte do consórcio a empresa norte-americana Alcoa (Aluminum Company of America), com 60% do capital, e a holandesa Billiton Metais. A construtora Camargo Correa, brasileira, tem uma participação de 35% sobre as ações pertencentes à Alcoa.

A fábrica de São Luís emprega atualmente 2 mil funcionários e entra em ciclo de produção de 245 mil toneladas de alumínio/ano, o que contribuirá para expandir as exportações brasileiras do metal para 805 mil toneladas/ano. Os principais compradores do alumínio brasileiro são os Estados Unidos — também o maior produtor, com um total de 4 milhões de toneladas por ano — e o Japão, seguidos de países da Europa.

Quando Sarney chegou à fábrica da Alumar, foi recebido com a música que o compositor Miguel Gustavo fez para sua campanha a governador, em 1965, e que se tornou uma espécie de hino a saudá-lo em todas as eventos políticos no Maranhão. Só o ministro da Indústria e Comércio, José Hugo Castelo Branco, discursou, depois do presidente do consórcio Alumar, Alain Belda. O presidente Sarney declarou, mais tarde, à saída:

— Tenho certeza de que cada vez mais se consolidam as perspectivas de progresso deste grande estado. A infraestrutura de que hoje desfruta o Maranhão pode assegurar que nós teremos aqui um grande pólo industrial no Brasil.

O comando de greve dos professores do Maranhão — de 15 a 18 mil professores estão parados há um mês — esperava Sarney no aeroporto de São Luís. O vice-presidente da Confederação dos Professores do Brasil, Cleber Montezuma, veio de Brasília para tentar a interferência do presidente na questão, acirrada com a recusa do governador Luiz Rocha em negociar com os grevistas, que podem melhoria salarial. Há professores da rede estadual do Maranhão, segundo Lucimar Góis, presidente da associação, ganhando menos que o salário mínimo.

O presidente Sarney embarcou às 12h15min com destino a Brasília. Dona Marly foi até a porta do avião segurando a mão de Ana Clara, sua neta de quatro anos. Acompanharam o presidente na viagem os ministros do Trabalho, Almir Pazzianotto; Indústria e Comércio, José Hugo Castelo Branco; do Gabinete Militar, General Bayma Denys; e dos Transportes, José Reinaldo; o governador do Pará, Jader Barbalho, e vários deputados federais, entre eles os aspirantes ao governo do Maranhão: João Alberto (PFL), Epitácio Cafeteira (PDT), Edison Lobão (PDS); além do jornalista e assessor de Sarney Edson Vidigal (PMDB) e do senador Alexandre Costa

São Luís — Foto de Vidal da Trindade



Sarney e dona Marly cumprimentam operários de uma indústria

Palmeira diz que faltam palanques

Brasília — "Não estou vendo palanques para o presidente subir. Não consigo vislumbrar palanques da Aliança Democrática." A afirmação é do senador Guilherme Palmeira, presidente do PFL, ao comentar a declaração do presidente José Sarney, de que está disposto a participar da campanha eleitoral de novembro nos estados onde houver candidatos de coligações entre PMDB e PFL.

Embora ressaltando que gostaria que fossem muitos os palanques comuns ao PMDB e PFL, Palmeira manifestou total descrença na possibilidade de união entre os dois partidos na maioria absoluta dos estados. Só no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Maranhão existe a possibilidade de acerto entre liberais e pemedebistas, para garantia de espaços contra o avanço, nesses três estados, dos outros partidos que não integram a Aliança.

No Maranhão, o interesse maior é do presidente Sarney que, na visita ao estado encerrada ontem, conseguiu reunir as lideranças para iniciar

conversas políticas. O maranhense Jaime Santana, deputado federal do PFL que participou da comitiva, disse que "a presença do presidente Sarney teve o mérito de desarmar os espíritos e abrir caminho para uma composição entre o PMDB e o PFL".

O presidente trabalha para reunir o maior número possível de lideranças maranhenses em torno de uma candidatura, à qual deverá dar apoio. O trabalho vem se tornando mais penoso por causa da atuação do governador Luiz Rocha, que não abre mão de escolher um nome de sua preferência para disputar sua sucessão.

Se no Maranhão a Aliança é difícil, apesar do interesse do presidente Sarney, nos dois outros estados — Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul — as possibilidades de PMDB e PFL se unirem em chapa única são remotas. A crise é comum aos pemedebistas e liberais e envolve dois aspectos: a falta de nomes fortes do PFL e os problemas internos do PMDB.

Um recado só para o Maranhão

Villas-Bôas Corrêa

Pode ter sido o amolecimento da emoção na volta à terra, com a alma lavada pelo aplauso do povo, pensando as feridas abertas com a derrota do ano passado na eleição para prefeito de São Luís; pode ter sido um descuido no esquema mental de controle ou um estímulo à possível articulação de um candidato comum do PFL e do PMDB para o governo do Estado.

Pode ser tudo junto ou o irrelativo. Mas os assessores mais próximos do Presidente José Sarney juram que ele não prometeu para valer ceder a apelos da Aliança Democrática para subir aos palanques dos comícios da campanha que está por começar para a eleição de governadores e do Congresso-Constituinte.

Se há uma posição firme e reiterada do Presidente Sarney, pousada em raciocínio lógico, é a de preservar a sua autoridade, mantendo-se à distância da fogueira eleitoral. Oficialmente, o Presidente torce pela vitória da Aliança. Lá no fundo do coração, há de acalentar as suas preferências e simpatias por candidatos do PFL ou do PMDB na quase totalidade dos Estados em que os pândegos parceiros da Aliança Democrática — uma ficção federal — se engalfinham a pau e tapa, no esperto cultivo de rancores provincianos que racham a opinião pública, dividem o eleitorado na polarização alimentada pelos dois lados, ambos apenas entendidos na con-

veniência de preservar a rivalidade que rende votos aos sócios desavindos, fechando brechas à infiltração de terceiros.

Por isso, a promessa do Presidente é como uma promissória em branco. Não tem quem possa protestá-la ou tentar o resgate amigável.

Afinal em que terreiro a alma penada da Aliança vai baixar, incorporada? Bem, aqui no Rio há uma remota possibilidade, ante a evidência de que o inimigo comum é o Governador Leonel Brizola.

Mas, ante a qualidade dos candidatos que a Aliança vem examinando como possíveis hipóteses de acerto, francamente, é melhor o Presidente Sarney apegar-se a uma desculpa e ficar mesmo por Brasília.

Além do Rio, só como surpresa. E de bom tamanho.

Sarney está vivendo o melhor momento do governo, com fantástica adesão ao pacote. O êxito sobe à cabeça mas para os sensatos a embriaguez passa logo.

A Aliança de faz-de-conta pode riscar Sarney da lista dos seus cabos eleitorais.

O Presidente, ao que parece, mandou um recado para o Maranhão, embrulhado numa ameaça de efeitos locais. Para pressionar uma aproximação do PMDB com o PFL e conter os ardores oposicionistas do Senador João Castelo e de sua cara-metade, a prefeita Gardênia, da ilha-capital.

Sarney esqueceu que o microfone do Presidente está sempre ligado com todo o país.